

Rita Vieira de Figueiredo<sup>1</sup>  
rvieira@ufc.br

Adriana L. Limaverde Gomes<sup>2</sup>  
adrianalimaverde@terra.com.br

## A PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA MENTAL



### Resumo

O presente trabalho analisa o processo de aquisição da linguagem escrita em alunos com deficiência mental. As reflexões e os dados aqui apresentados resultam de diversas pesquisas realizadas pelas autoras e de situações de intervenções escolares envolvendo alunos com deficiência mental. As referidas pesquisas foram desenvolvidas com alunos de diferentes idades, escolaridade e meio sócio-econômico. Os dados revelaram que na tentativa de compreender a escrita, estes alunos percorrem processos semelhantes àqueles identificados em alunos sem deficiência.

Palavras-chave: deficiência mental, linguagem escrita, aprendizagem escolar.

### Abstract

The present work analyzes the process of acquisition of the language written in pupils with mental retardation. The data and discussions presented here result of diverse researches carried through by the authors and of situations of pertaining to school interventions involving pupils with mental retardation. These researches had been developed with pupils of different chronological ages, instruction levels and socioeconomic levels. The data had disclosed that in the attempt to understand the writing, these pupils cover similar processes to those identified in pupils without mental retardation.

Keywords: mental retardation, written language learning, school learning.

<sup>1</sup> Profa. (PhD). Faculdade de Educação – Universidade Federal do Ceará

<sup>2</sup> Profa. (Ms) Faculdade 7 de Setembro. Doutoranda em Educação – Universidade Federal do Ceará

Apesar de alguns professores do ensino regular afirmarem que não estão preparados para receber alunos com deficiência mental em suas salas de aula, pesquisas recentes (MOURA, 1992; MARTINS, 1996; ALVES, 1997; FIGUEIREDO BONETI, 1995, 1996, 1999a, 1999b; GOMES, 2001) vêm indicando que esses alunos vivenciam processos cognitivos semelhantes aos das crianças ditas normais, no que se refere ao aprendizado da leitura e da escrita. Embora o ritmo de aprendizagem dos alunos com deficiência se diferencie por requerer um período mais longo para a aquisição da língua escrita, as estratégias de ensino para esses alunos podem ser as mesmas utilizadas com os alunos ditos normais.

No decorrer do processo de construção da escrita, as crianças descobrem as propriedades do sistema alfabético e, a partir da compreensão de como funciona o código lingüístico, elas aprendem a ler e escrever. As crianças com deficiência mental passam por etapas semelhantes àquelas descritas por Ferreiro e Teberosky (1986). Portanto, alunos com deficiência mental apresentam hipóteses pré-silábica, silábica, silábica-alfabética e alfabética. Para avaliar a evolução escrita de alunos com deficiência mental, o professor pode utilizar as mais variadas proposições tais como: escrita livre de palavras e frases, reescrita de atividades vivenciais, reescrita de histórias lidas, produção com base em imagens e escrita de bilhetes, dentre muitas outras. Os registros das crianças expressam o nível de evolução em que elas se encontram, desde

a escrita sem valor representativo até a escrita alfabética.

### A escrita sem valor representativo

As produções que caracterizam esta etapa indicam que o aluno não percebe ainda a escrita como uma forma de representação. Os registros das crianças se caracterizam por formas circulares sem a utilização de sinais gráficos convencionais e sem intenção de representação.

Os alunos que se encontram nesse nível de representação não con-

ficuldades psicomotoras apresentadas por algumas crianças, evidenciadas especialmente na motricidade fina, o que torna para elas quase impossível desenhar ou realizar o traçado das letras. As atividades que envolvem modelagem e recorte e colagem são igualmente penosas para esses alunos que normalmente se distanciam desse tipo de tarefa, manifestando inclusive rejeição pela leitura e a escrita. O uso de letras móveis, fichas com palavras e frases escritas, jogos pedagógicos e livros de literatura infantil, são instrumentos que podem auxiliar o professor no seu trabalho com esses alunos. Para superar as dificuldades



de organização espacial e na coordenação motora fina, o professor pode fazer uso de recursos variados que permitam em alguns momentos a criança exercitar livremente sua expressão gráfica, como o uso do desenho livre, e em outros escrever em espaços delimitados.

Em nossos estudos os alunos que apresentam esse tipo de respostas são justamente aqueles

cujo comportamento se caracteriza por constantes dispersões, agitação e desinteresse por atividades que implicam em simbolismo tais como desenho, pintura e modelagem. Entretanto, a análise do desempenho desses alunos deve contemplar não somente os avanços na escrita, mas também os ganhos na aquisição de atitudes tais como: cooperação, participação e interação no grupo, interesse por atividades relacionadas a leitura e a escrita tais como: leitura e contação de histórias, registros orais e escritos, desenho, modelagem e escrita do nome próprio. À medida que

seguem interpretar as suas produções, mesmo quando estão em um contexto preciso. A dificuldade de atribuir significado à escrita pode se manifestar em diferentes atividades nas quais as crianças são solicitadas a interagir com o universo gráfico. Em algumas situações as crianças não se implicam com a tarefa e dão respostas aleatórias sugerindo não estar interessadas pela atividade ou simplesmente não compreender a solicitação do professor.

Outro aspecto importante a ser considerado pelo professor são as di-

as crianças avançam nas atitudes que favorecem a aquisição da escrita, elas começam a produzir registros utilizando-se de algumas letras, especialmente daquelas referentes à pauta do próprio nome. Um avanço importante na aprendizagem da criança é quando ela demonstra gosto por jogos pedagógicos, especialmente aqueles de cartões com palavras os quais mobilizavam o aluno para a interação no grupo, bem como para a atenção à escrita das palavras. O professor que explora esse tipo de atividade está favorecendo a passagem do aluno para um nível mais avançado.

### Escrita com valor representativo

A consciência de que para ler coisas diferentes deve haver uma diferença objetiva nas escritas, conforme Ferreiro e Teberosky (1986) identificaram em sujeitos normais, também aparece nos alunos com deficiência mental. O texto a seguir ilustra a produção de uma criança com deficiência mental no nível pré-silábico da escrita. A professora leu a história Aladim e a lâmpada maravilhosa e solicitou que os alunos escrevessem o que haviam compreendido da história.

#### Texto produzido: Texto lido:

AOUUARDO	Era uma vez um Aladim
AOAARDOAOO	estava no mar com um pano na boca e ele estava preso
A MARDOMA	aí ele pegou a lâmpada e fugiu

Na produção da história de Aladim, o aluno usa limitado repertório de letras tendo como referência a pauta das letras que compõem o seu nome (Eduardo). Essa escrita demonstra a preocupação com a variedade dos caracteres, especialmente em relação à ordem e seqüência das letras. Apesar desse registro ainda se caracterizar como uma escrita do nível pré-silábico, a representação que o aluno tem da escrita, evidenciada pela leitura que ele faz de seu registro, indica uma pro-

Levi 15 anos 5ª SÉRIE 17/10/07

RAPUZEL estava na gruta e então uma bruxa muito má que ela fazia feitiçaria fazia muita má obra e queria vingança igual sorria mas temegro na novela Maria do Bairro e aí muito tempo depois ela a bruxa queria matar e cortar as tranças de RAPUZEL então o príncipe chamou RAPUZEL para a casa dele e ela ficou lá e ele cortou as tranças e ela ficou feliz e assim acabou a história

Fim

ass Levi

gressão de idéias e uma estrutura textual característica da escrita alfabética. Registros semelhantes a estes são produzidos por crianças sem deficiência.

O avanço conceitual da criança na escrita se dá de forma gradual. É comum a criança produzir registros de um nível precedente aquele no qual já é capaz de representar a escrita. No início do processo de aquisição da escrita, alguns alunos que já são capazes de produzir escritas com orientações silábicas, podem apresentar também produções com características da escrita pré-silábica. Por exemplo, em uma classe de alfabetização, uma aluna com

deficiência mental foi solicitada a reproduzir a parte que mais gostou de uma história lida pela professora. Essa aluna escreveu a seguinte Pauta: SANRGATE. Quando a professora solicitou que ela interpretasse a sua produção ela leu fazendo correspondência entre as unidades das palavras e a seqüência das letras escritas: Ela(SA) comeu(NRG) bastante (ATE). Na pauta escrita pela criança não há evidência da relação fonema-grafema, assim como não há segmentação das palavras. Entretanto sua interpretação de escrita indica uma orientação silábica.

No nível silábico, o aluno de-



monstra ter adquirido a compreensão de que a escrita constitui um meio de representação da fala e de registro de eventos, embora ainda não compreenda o funcionamento deste sistema de representação - em nosso caso, a escrita alfabética. O início da representação da escrita com base silábica pode ser identificado nos registros dos alunos, quando eles começam a utilizar as letras do próprio nome nas suas produções. A escrita de Eduardo (um aluno com deficiência mental) ilustra esse tipo de comportamento. Ele escreveu as palavras cachorro (CUURDO); vaca (AUARDO); e borboleta (AVDURDO) e em seguida leu fazendo a correspondência de uma sílaba para cada letra escrita apontando a seqüência RDO como sendo um final mudo. Seu comportamento evidencia a escrita silábica, com a utilização do RDO como elemento curinga da escrita. Esse elemento curinga é geralmente utilizado quando a criança entra no conflito entre a hipótese silábica e o critério de quantidade mínima de caracteres. Para resolver esse conflito, a criança introduz uma ou mais letras. No caso da palavra VACA, Eduardo utiliza dois elementos curingas: a letra A e a terminação RDO, compondo: AUARDO. Na medida em que a criança avança conceitualmente o elemento curinga desaparece dos seus registros.

Os alunos com deficiência mental são capazes de produzirem textos próprios do nível alfabético, apesar de seus registros evidenciarem fragilidades em selecionar, controlar e organizar com coerência suas idéias. Nessas produções a qualidade dos textos está relacionada com o gênero textual. Na reescrita de textos narrativos muitos alunos expressam dificuldades na recomposição do sentido global dos eventos narrativos, enquanto que nas produções de textos com uso de imagens e na escrita de bilhetes, eles demonstram maior facilidade na escrita. Provavelmente as dificuldades se acentuam na reescrita de textos narrativos porque esses textos apresentam um grau elevado de complexidade e conseqüentemente

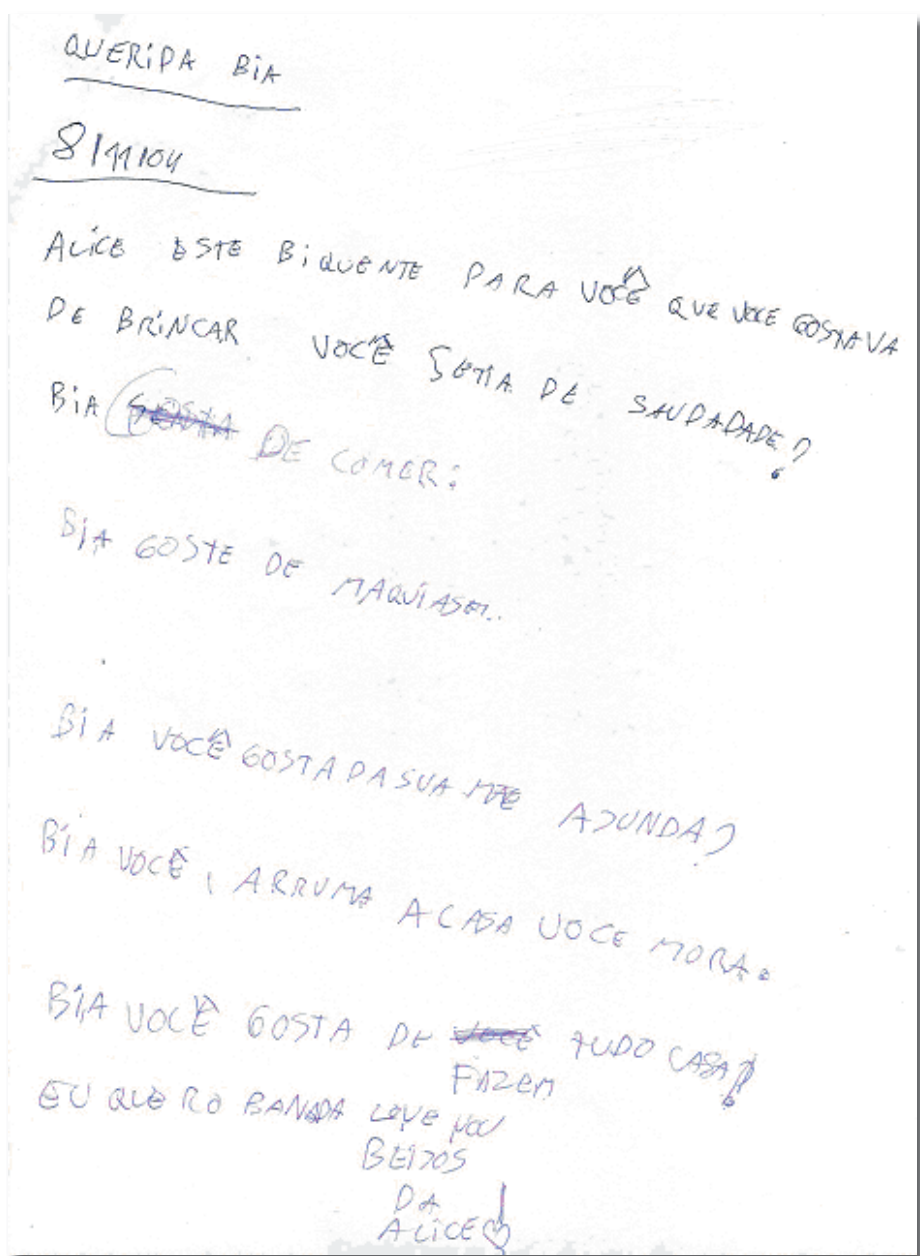
devem exigir maior elaboração em termos de funcionamento cognitivo. Para auxiliar o aluno na superação dessa dificuldade, o professor pode orientá-lo na utilização de algumas estratégias tais como, a mobilização de conhecimentos anteriores, a organização temporal dos fatos presentes no texto lido, o reconto oral com a finalidade de elencar os eventos principais da história.

O texto da página 28 exemplifica uma produção alfabética de um aluno com síndrome de Down:

Na reescrita do conto Rapunzel, o aluno acrescentou palavras que

não pertenciam ao texto lido. Esse procedimento não comprometeu a progressão de suas idéias. Ele demonstrou capacidade de articular fatos que se assemelham, fazendo uso de sua experiência cotidiana. O texto desse aluno é compreensível, apesar da ocorrência de erros ortográficos, e ainda da ausência de pontuação. Esse mesmo tipo de erro foi identificado nas produções de alunos sem deficiência, colegas de turma do aluno em questão.

O bilhete apresentado abaixo, produzido por outra aluna com síndrome de Down, exemplifica uma escrita espontânea própria do nível alfabético.



A produção acima sugere que a aluna ainda está aprendendo a organizar a estrutura de um bilhete. Ela inicialmente indica o destinatário (Bia) em seguida escreve o próprio nome (Alice) e posteriormente retoma a utilização do destinatário de forma adequada.

### Considerações Finais

Para que os alunos estruturarem de forma adequada suas produções textuais e possam se apropriar das características específicas dos diferentes gêneros textuais se faz necessário vivenciar experiências escolares e sociais que possibilitem o acesso a diferentes tipos de textos, logo o professor deve proporcionar o trabalho com variados gêneros. A mediação do adulto e a interação que os alunos com deficiência mental estabelecem com o universo da escrita, influenciam significativamente na evolução conceitual dos mesmos na língua escrita. Normalmente, os alunos que interagem positivamente com seus professores, com seus pares, e também com o objeto de conhecimento, apresentam melhores resultados se comparados àqueles que tem dificuldades nas suas formas de interação.

### Referências

ALVES, José Moisés. **Estudo sobre a relação entre a extensão falada/escrita de palavras, por crianças portadoras de síndrome de Down**. São Carlos, 1987. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos.

FERREIRO & TEBEROSKY. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas: 1986.

FIGUEIREDO BONETI, Rita Vieira de. **L'émergence du langage écrit chez les enfants présentant une déficience intellectuelle**. Université Laval. Québec, 1995.

\_\_\_\_\_. Le développement du langage écrit chez les enfants présentant une déficience intellectuelle: L'interprétation du prénomé. **Archives Psychologie**. Genebre, 1996, n° 64, p. 139-158.

\_\_\_\_\_. A interpretação da escrita pela criança portadora de deficiência intelectual. **Revista Brasileira de Educação Especial** – V.3 n° 5 – 1999a. Universidade Metodista de Piracicaba.

\_\_\_\_\_. A Representação da escrita pela Criança portadora de deficiência intelectual. **Educação em Debate** - V. 1. n° 37 – 1999b. Fortaleza, Edições da Universidade Federal do Ceará.

GOMES, A L. L.V. **Leitores com síndrome de Down: a voz que vem do coração**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará, 2001.

MARTINS, Nadia Cesar da Silveira. **Crianças com síndrome de Down: relações entre fala, gestos e produção gráfica**. São Carlos, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos.

MOURA, Vera. **O Poder do saber: relato e construção de uma experiência em alfabetização**. Porto Alegre: Kuarup, 1992.